

CORPO, LINGUAGEM E LINGUAGEM DO CORPO

Patrick de Neuter*
Universidade de Louvain

RESUMO - Depois de ter indicado como a linguagem recorta o real e como as palavras escutadas em certas condições - de angústia por exemplo - podem marcar o corpo do sujeito, seus comportamentos e seus pensamentos, o autor desenvolve a tese lacaniana que "o inconsciente é estruturado como uma linguagem". Ele desenvolve em seguida uma outra tese lacaniana, aquela que, segundo a base da experiência analítica, afirma a estreita interdependência dos corpos real, imaginário e simbólico de um sujeito.

BODY, LANGUAGE AND BODY LANGUAGE

ABSTRACT — After pointing on how language cuts the actual world and how words listened in certain situations-of anguish, for instance - may mark the subject's body, behaviors and thoughts, the author develops the Lacanian thesis that "the unconscious is structured as a language". Following, he develops another Lacanian thesis, that which states, according to the analytical experience basis, the narrow interdependence of the subject's actual, imaginary and symbolic bodies.

CORPS, LANGAGE ET LANGAGE DU CORPS

RÉSUMÉ - Après avoir indiqué comment le langage découpe le réel et comment les mots entendus dans certaines conditions - d'angoisse par ex. - peuvent marquer le corps du sujet, ses comportements et ses pensées, l'auteur développe la thèse lacanienne "l'inconscient est structuré comme un langage". Il développe ensuite une autre thèse lacanienne, celle qui, sur base de l'expérience analytique, affirme l'étroite interdépendance des corps réel, imaginaire et symbolique d'un sujet.

Gilles é um garoto de 8 anos. Ele foi levado para se consultar por enurese. Ele sofria também de uma extrema instabilidade motora. Durante a sessão que devia ser a última do tratamento, ele confia à sua psicanalista⁽¹⁾ que os ângulos (angles) salientes e os ângulos (angles) das janelas e móveis estavam sendo fan-

* Dr. em psicologia e professor na Universidade de Louvain (Bélgica), Psicanalista (associação Freudiana) Unité PSCL, 30 Cios Chapelle-aux-Champs, 1 200 Bruxelles. Traduzido por Francisco Martins, Maria Isabel Tafuri e Annik M.J.S. Rosiers Fonseca.

A homofonia de determinados termos em francês, essenciais para a compreensão do texto, foram traduzidos mas mantendo-se grafia original entre parêntese.

(1) Françoise Dolto relata esta terapia psicanalítica infantil em seu recente livro "**Imagem Inconsciente do Corpo**", Paris, Seuil, 1984.

tasiados por ele como sendo lançadores de flechas. Se ele se encontrasse, pois, em certos lugares da sala, ele se arriscava de ser vítima destes ângulos (angles), de ser atravessado por suas flechas. Não haveria de sofrer o mesmo de instabilidade motora, na medida em que os ângulos (angles) das paredes e dos móveis tinham adquirido um tal poder mortífero?

Em seguida a esta última confidência, a psicanálise prossegue, o que permite estabelecer um passo de sentido ("pas de sens")⁽²⁾, um sentido que em verdade não participa do sentido comum, entre os cantos mortíferos e o significante "Angleterre". Vejamos como:

Gilles tinha 3 anos em 1940, por ocasião da invasão alemã. Ele havia deixado Paris com seus pais e passava uma temporada no Sul da França. Depois que ele havia escapado por pouco da morte, durante um quase afogamento, ele ficava sem cessar literalmente grudado às saias da mãe. Um dia, colado como de costume à sua mãe, ele acompanha uma conversa telefônica entre ela e seu irmão. No decorrer de tal conversação telefônica, o tio de Gilles informa à sua irmã que ele parte para a Angleterre (Inglaterra). Aconteceu alguns dias depois do apelo do General Charles de Gaulle. Esta chamada telefônica angustia fortemente sua mãe. Ela teme logo de saída pela vida de seu irmão. Em seguida, ela receia que Gilles repita os elementos desta conversa em presença dos soldados alemães que ocupam dois cômodos no apartamento parisiense onde eles deverão retornar. A partir deste instante, todo o não dito da família gira, para a criança, em torno do significante Angleterre. Este significante sendo associado à grande angústia da mãe, a um imperativo latente - "é necessário guardar silêncio" - ('il faut taire') e a um duplo perigo, aquele que corre seu irmão engajado na guerra, e aquele outro que corre a família se os alemães descobrem o engajamento de seu irmão; este significante se inscreveu no inconsciente "angle-taire".

Todo ângulo (angle) herdou por isso o caráter angustiante e mortífero que explicava a instabilidade motora de Gilles.

Porque usar este termo pouco comum "significante" preferencialmente ao termo mais banal, "palavra", por exemplo?

Ocorre que uma palavra funciona como significante, mas este não é sempre o caso. Muitas palavras não o são, não funcionam como significante. Além disso, um significante pode ser um pedaço de palavra, ser um fonema ou uma simples letra. O Homem dos Lobos, cuja cura Freud relatou, estava manifestamente assujeitado a uma simples letra. O "W", primeira letra do nome Wolf (os lobos eram objeto de sua fobia e preenchiam seus sonhos de maneira repetitiva) era também a primeira letra do nome "Wespe" (vespa), pequeno animal que não era sem importância para o Homem dos Lobos. Esta palavra Wespe continha além disso as iniciais dos seus nome e sobrenome: S.P.; no Inconsciente, S.P., poderia então ser um Wespe cujo W teria sido suprimido. Este mesmo W diz respeito ainda à forma invertida das orelhas dos lobos de seus sonhos e das histórias de sua infância. Era também, este W, a duplicação do número romano V, número que evocava a hora na qual ele se sentia repetitivamente deprimido como também era a hora daquela tarde de sua infância durante à qual ele teria assistido às relações sexuais de seus pais.

(2) J.Lacan dizia "unpas-de-sens" como dizemos (Passo-de-Calais) sublinhando assim o equívoco do "pas": negação a parente de sentido, ao mesmo tempo que, passagem obrigatória em direção a um sentido inconsciente.

Este W diz respeito enfim, acrescenta Freud, à posição das pernas da mãe durante o coito, o qual Freud pensa, dadas às associações do paciente, que ele foi "a tergo"⁽³⁾.

Vemos então como o significante é relativamente deslocado de uma significação que lhe era própria. A palavra ao contrário é freqüentemente concebida como ligada à uma ou a mais significações. Contudo a lingüística, após Saussure, sublinhou como tal significação seria por um lado, muito arbitrária e por outro, relativamente flutuante: na história de uma língua, assim como, entre os indivíduos que falam uma mesma língua. Cada um pode constatar, ainda mais, as variações de significações de uma palavra por um mesmo indivíduo ao longo de sua história.

O conceito de significante foi retomado por Lacan dos lingüistas para indicar esta ausência, no inconsciente, da ligação fixa entre os significantes e suas significações.

Há uma outra razão de não se dizer palavra mas sim significante. Um significante é freqüentemente de caráter lingüístico, lingüístico verbal, mas ele pode também ser visual. Já vimos o caso da forma da letra W nas associações do Homem dos Lobos.

Retornemos ao significante verbal e às suas significações, para sublinhar que as significações ligadas a uma palavra em uma dada língua, dependem radicalmente da existência de outras palavras desta língua. Dizendo de outro modo, uma palavra só vale pela sua diferença com as outras palavras da língua. Conheçamos o exemplo clássico do nome "mouton" (carneiro em português) que, em francês, tem um valor bem mais extenso que a palavra "mutton" em Inglês. Esta última, com efeito, designa somente a carne do açogue em oposição à "sheep" que designa o "mouton" sobre as patas, o "mouton" nas suas pastagens.

Este recortamento do real pelos significantes difere de uma língua à outra, se bem que certas palavras impõem enormes problemas ao tradutor ao passo que outras são literalmente intraduzíveis em certas línguas^{(4) (5)}.

(3) Esta constitui de fato somente uma parte das associações produzidas pelo paciente em torno do "W" ao longo de sua cura. Cfr. S. Freud, *Cinq Psychanalyses*, PUF, 1967 pp. 325-405; ESB XVII.

Inglês					
PURPLE	BLUE	GREEN	YELLOW	ORANGE	RED
Shona					
CIPSWUKA	CRIEMA	OCENA	CIPSWUKA		
Bassa					
HUIT			ZIZA		

(4) Outro exemplo desta relatividade do significante ou desta arbitrariedade do signo: Gleason mostrou (1961) como o mesmo campo dos comprimentos de ondas das cores estariam diferentemente recortadas em Inglês, em Shona (Rodésia) e em Bassa (Libéria). Em Bassa, as diversas cores eram denominadas ou por **hui**, ou **ziza** o que corresponde mais ou menos rosa, azul e verde, para **hui**, e a amarelo, laranja, vermelho para **ziza**. Em Shona, pelo contrário, as cores revelam os comprimentos de ondas correspondentes à laranja, vermelho, rosa e uma parte do azul são denominadas **cipswuka**, e os outros, azul e uma parte dos verdes se dizem **citema**.

enquanto que, os amarelos e os outros verdes se denominam **cicena**. Situados em função dos comprimentos de onda correspondentes, em situando os significantes segundo o comprimento de onda correspondente, obtém-se o esquema acima (Extraído do Manual de Psychologie editado por P. Mardaga, Bruxelles, p. 318).

Isto é ainda mais verdadeiro na língua que opera no inconsciente, em outras palavras, para os significantes que constituem o sujeito. A fim de diferenciar estas duas línguas, J. Lacan propôs o conceito de "lalangue" em uma só palavra, a "lalangue" se preferirem. Esta 'lalangue' é uma língua "brisée" (quebrada), dizia Lacan; uma língua feita não de palavras mas de fonemas ou de letras, separadas ou juntas, as quais só se ligam às suas significações muito acessoriamente.

Este conjunto assim constituído pode dar, no consciente, por exemplo, "poordjeli", como o ilustrou a partir de uma cura psicanalítica, há algum tempo passado. Serge Leclaire⁽⁶⁾. A propósito desta fórmula, J. Lacan durante um seminário sobre a interpretação e a transferência fez o seguinte comentário:

"... O trabalho de Leclaire tem ilustrado particularmente a transposição da interpretação significativa em direção ao não sentido significativo, quando ele nos propôs acerca do seu obsessivo, a fórmula dita Poordjeli, que liga uma à outra, as duas sílabas da palavra "licorne" permitindo introduzir em sua seqüência toda uma cadeia onde se anima seu desejo".⁽⁷⁾

O relato da terapia de Gilles nos mostrou a importância dos significantes da primeira infância. A experiência analítica nos ensinou também a importância que pode tomar para o corpo de um ser falante ("parlêtre") estes significantes particulares, que são os nomes, que os genitores, desde antes do nascimento, evocam ou negligenciam de evocar, como pode chegar a acontecer quando o desejo dos pais é grande para que nasça uma menina ou um menino. Assim nas curas dos adultos, não é raro que os analisandos tendo algumas dificuldades em se situar como homem ou como mulher, em concordância com seu sexo biológico, ligam esta dificuldade ao fato, que lhes foi trazido, que seus pais não tinham previsto o prenome para a criança de seu sexo, ou ainda, que seu desapontamento havia sido tal, que havia sido o avô que teria por fim encontrado os nomes concordando com o sexo do recém-nascido.

Tanto pode ser grande a expectativa seja da presença seja da ausência destas quaisquer gramas de carne que, ao nascimento e atualmente graças à ecografia, desde antes do nascimento, vêm satisfazer ou desapontar as esperanças dos genitores. Acontece que esta dificuldade identificatória tem efeitos sobre os caracteres sexuais ditos secundários: o desenvolvimento dos seios ou da pilosidade, por exemplo.

Uma analisanda relata um dia seu grande espanto frente ao desaparecimento de uma pilosidade abundante, relativamente masculina, que exigia há muito tempo cuidados estéticos regulares. Este desaparecimento se deu concomitantemente à emergência na cura de diversos índices de que esta cliente deixava viver com maior preponderância seu lado feminino, parte dela mesma até então abafada, por um posicionamento neutro ou masculino em suas relações com os semelhantes. Paralelamente nas suas relações com os homens, a

(5) Observemos que cada indivíduo só tem de fato acesso a uma parte dos significantes de uma língua dada. Esta relatividade da significação é por consequência diferente para cada sujeito que "habita" esta língua em função da parte do "tesouro de significantes" que lhe foi efetivamente transmitido. O léxico pessoal dos amadores de bons vinhos e da boa carne, não recobre exatamente aquele dos apaixonados da música, da arte de seduzir ou da competição esportiva...

(6) S. Leclaire - *Psychanalyser*, Seuil, 1968, pp. 99-117.

(7) J. Lacan, *Seminaire XI*, p. 226.

eventualidade de um gozo (jouissance) feminino entrou no registro do possível para ela, ou mesmo do desejável⁽⁸⁾.

Em seu livro "Clinique du Réel"⁽⁹⁾, (Clínica do Real) G. Raimbault nos relata como um não-desejo da criança, um ódio tão involuntário quanto não dominável por parte daquela que a tinha posto no mundo, pode parar o desenvolvimento somático da criança. Apenas foi separado de sua mãe e acolhido em um hospital para que o corpo real tivesse os cuidados necessários, a criança se desenvolveu de novo. Retornando para o lado da mãe, o desenvolvimento foi de novo interrompido. Tal é a força da "lalangue" que constitui o desejo inconsciente dos pais e das mães como seres falantes ("parlêtres").

Acontece também que os fatos anteriores ao nascimento da criança, acontecimentos cuidadosamente escondidos de todos, ressurgem no corpo falante de uma criança, como por exemplo, nesta injúria que lançava regularmente um filho de 15 anos à sua mãe. Chamemo-lo de Jean. "Assassino" dizia ele regularmente à sua mãe, manifestando em tudo, em palavras e gestos uma enorme agressividade. Os psiquiatras que ele freqüentou desde os 5 anos deram-lhe o diagnóstico de psicose. O psicanalista que a família consultou aos 15 anos de Jean, havia notado o gênero masculino daquela injúria. Ele não se satisfaz portanto com a explicação da mãe: "ele me acusa de ser responsável pela morte de meu marido, há três anos". Será então constatado que a injúria "assassino" não diz respeito, ou não somente diz respeito a esta morte do pai: ela se enraizava na morte do avô, o pai do pai de Jean. Este avô morreu de uma crise cardíaca em seguida de uma conversa tempestuosa com seu filho, no momento do noivado. Depois de seu casamento, o pai ficou doente e foi tratado em segredo com neurólépticos. Ele confidenciava à sua mulher: **todo mundo me persegue com um olhar acusador dizendo: ele o matou**. O dia que a mãe pôde falar deste segredo com o psicanalista primeiro, e, em seguida, com seus filhos, Jean parou de injuriá-la pelo acontecido e o conjunto de seus sintomas se atenuaram.

E a Philippe Van Meerbeek que nós devemos esta observação¹⁰.

Estas observações clínicas ilustram bem como os significantes percebidos pela criança em circunstâncias particularmente carregadas de afetos, podem cair sob a barra do recalçamento e se inscrever no corpo, seja ao nível do sistema nervoso, seja ao nível de outros sistemas, o sistema endócrino notadamente.

Sabemos, com efeito, atualmente quão diversos são os elementos do corpo biológico que podem ser influenciados pelos significantes ao ponto de se tornarem lugares dos sintomas: paralisia histérica, psoríase, enxaqueca, poliúria, quisto, crise pseudo-epiléptica, surdez psíquica, retocolites, hipertensão e ainda alguns outros.

Um significativo pode ter este poder de marcar, este efeito de enquistamento em um sintoma, logo que sua irrupção no universo simbólico de um sujei-

(8) Concernente a estas partes homem e mulher de cada ser falante, cfr. J. Lacan, Séminaire XX, notadamente nas pp. 49 a 82.

(9) G. Raimbault, Clinique du Réel, La psychanalyse et les frontières du médical, Seuil, 1982, pp. 63-80.

(10) Ph. Van Meerbeek, L'adolescent psychotique tenu à l'impossible. Tese doutoral da Faculdade de Medicina, U.C.L., Bruxelas, 1983.

to é associada a uma experiência de gozo intenso⁽¹¹⁾. Associado o significante a este gozo, ele o canaliza e se protege assim contra o excesso de gozo que implica sempre destruição. Ao mesmo tempo este significante se torna guia para as futuras buscas de prazer e de gozo na relação sexual, por exemplo, e também na constituição dos sintomas.

A maneira como foi apresentado o significante que assujeitava Gilles, "Angle-taire", e aquele que marcou Jean, "Meurtrier", (assassino) poderia ainda fazer crer que os significantes se incluíram de maneira isolada aos outros no inconsciente. Um relato mais detalhado destas curas teria sem dúvida feito aparecer as múltiplas ligações metafóricas ou metonímicas que cada um dos significantes estabelece com numerosos outros. A cura do Homem dos Lobos com a insistência do duplo Ve a multiplitude das ligações que puderam ser estabelecidas, testemunham esta característica da "lalangue" do inconsciente.

Estas e outras curas testemunham, pois, que o corpo real, com seus diversos sistemas (neurológico, endócrino e imunitário notadamente) se entrelaça com o corpo simbólico e com o corpo imaginário.

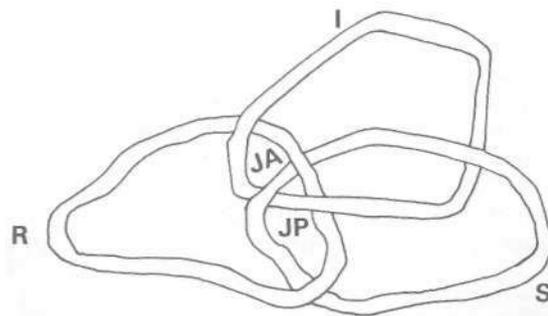
Durante uma mesa redonda em 1967, J. Lacan colocou em oposição o corpo estendido ao corpo do gozo. O corpo estendido, dizia ele, é aquele que interessa o médico, o homem da ciência. Estes chegam freqüentemente a esquecer que o corpo é também feito para gozar⁽¹²⁾.

Em seu seminário de 1982, Ch. Melman propôs distinguir o corpo real, o corpo imaginário e o corpo simbólico⁽¹³⁾.

É com base nos conceitos de J. Lacan e de Ch. Melman, que se deve refletir sobre estas diversas faces do corpo, insistindo porém sobre o fato que importa considerar estas três faces como sendo ligadas por nós boromeanos. Isto quer dizer que elas se recobrem parcialmente e que elas estabelecem entre elas relações análogas àquelas que vão ter juntas, os três círculos de barbante do nó boromeano: se um entre eles se rompe, o conjunto do nó se desfaz. Na figura 1, encontra-se apresentado uma das figurações possível do nó boromeano. O leitor pode aí constatar estas duas características essenciais: seu recobrimento e sua ligação específica que tem como conseqüência que se um deles chega a se romper, não importa qual, os dois outros círculos se desgarram um do outro.

Figura 1

- S : Círculo do Simbólico
- I : Círculo do Imaginário
- R : Círculo do Real
- JA: Gozo Outro
- JP : Gozo Fálico



(11) Nós incluímos aqui as experiências de incompatibilidade das representações psíquicas que S. Freud situou na origem do recalçamento. Cfr. "Estudos sobre a Histeria", assim como os prolongamentos feitos por Ch. Melman em seus "Nouvelles études sur l'hystérie", recentemente publicados por Clims/DÉnoel, especialmente nas páginas 69-94.

(12) J. Lacan, *Medicine et psychanalyse*, *Lettres de l'École Freudienne*, 1967, 1, pp. 34-61.

(13) Ch. Melman, seção de 12 de outubro de 82, retomado sucintamente em "Nouvelles études sur l'hystérie", pp. 123-133.

O corpo, pois, é em parte, corpo real. O real do corpo não é simples de se conceber visto que ele escapa por definição às representações imaginárias e simbólicas, e conseqüentemente também às operações de medida pelas quais é abordado pela ciência médica⁽¹⁴⁾. O corpo real é constituído pelo dado corporal bruto, próprio a cada um, constituído por sua singularidade fisiológica: o peso dos ossos e da carne, as formas dos músculos e das gorduras, os entrecamentos dos neurônios e as redes endócrinas, etc... Este real do corpo é fonte das tensões e raiz das necessidades para evocar a metapsicologia freudiana. É o corpo que é atingido pelo médico, pois ele mede, apalpa e olha seu paciente. Se ao menos ele permanecesse somente como médico. Pois acontece que o médico pode ser dirigido no seu exame em direção ao corpo imaginário de seu ou de sua paciente, em outras palavras, em direção ao corpo erógeno. As reações de atração e de desgosto que aparecem então são índices. Acontece também com a mesma freqüência, que o ou a paciente oferece a seu médico o corpo imaginário feito para o gozo no lugar do seu corpo estendido, real do corpo que se presta na medida certa.

Pode-se definir o corpo imaginário como sendo o conjunto de pedaços do corpo do qual cada um e cada uma goza, seja só, com seu outro ou sua outra. Apesar do que se pensa a este respeito, é sempre tão somente de um pedaço de corpo que se goza. J. Lacan designou estes pedaços de corpos imaginários pela expressão de objetos substitutos de a.⁽¹⁵⁾

Este corpo imaginário feito para o gozo não é dado de chofre. Ele se constitui como unidade naquele momento chamado por Lacan, de estado do espelho. Neste momento, graças à presença de um substituto do grande Outro, de seu olhar e de sua palavra, uma imagem do corpo é constituída. Correlativamente se forma o Eu. Este se torna então possível objeto de amor, embora narcísico em um primeiro tempo.

O corpo simbólico é constituído pelo conjunto dos significantes do sujeito. Ele é uma espécie de tecido de significantes, constituintes do sujeito no sentido estreito do termo, isto é, no sentido do sujeito enquanto Outro, alheio ao Eu, sujeito do inconsciente, sujeito pois do desejo. Por conseqüência, o corpo simbólico é também o lugar onde se organizam os pedidos e os desejos. Os pedidos, ao contrário dos desejos, são sempre articulados posto que endereçados a um outro. Enquanto inconscientes, os desejos são inarticulados mas, não obstante, articuláveis. Eles subsistem no inconsciente, sob forma de significantes. Assim que eles aparecem nos sonhos, nos lapsos, nos chistes e nos sintomas, é sempre sobre a cobertura de máscaras e disfarces. Eles precisam para serem reconhecidos de associações livres e interpretação, ou seja, de articulação lingüística.

Proponho incluir neste conceito de corpo simbólico o corpo real na medida em que ele é marcado por este universo dos significantes de um sujeito, na medida que estes significantes se encarnam aí, são fontes de um outro go-

(14) Sobre a impossibilidade de se chegar ao Real, ler por exemplo: I. Prigogine e I. Stengers, **La Nouvelle Alliance**, Gallimard, 1979, como também H. Atlan, **Atortet à Raison**, Seuil, 1986.

(15) A possessão total do corpo do outro é um sonho amoroso tão freqüente quanto ilusório e condenado a ficar insatisfeito. O projeto perverso implica na realização efetiva desta possessão. Sade descreveu bem este caminho: a adição, jamais arrematada das possessões de pedaços do corpo do outro, como mal-estar, o horror ou inveja que as descrições que esta empresa suscita.

zo, diferente daquele que nos evocamos como estando ligado ao corpo imaginário⁽¹⁶⁾.

Corpo real, corpo imaginário e corpo simbólico são pois estreitamente intrincados⁽¹⁷⁾.

Objetivou-se até aqui focar como o universo dos significantes se impõe a todo ser falante, como ele o assujeita e como ele se encontra na origem dos sintomas. Isto só é uma face da condição do ser falante ("parlêtre"): deve-se dizer mais radicalmente que o universo dos significantes é tão indispensável para a existência como o são o oxigênio, a água e o pão.

O imperador Frederico II, poliglota do séc. XII e experimentalista queria saber qual língua falaria uma criança se nenhuma língua lhe fosse ensinada. Será que seria a língua dos pais? Ou ainda uma das línguas maternas da humanidade, o grego ou o hebraico? Para encontrar resposta à sua questão, ele fez criar cerca de 40 crianças com mães de leite que receberam a ordem "de aleitar as crianças, de as vestir, de lavá-las, mas de não balbuciar com elas de nenhuma maneira". Estas mães de leite não podiam nem falar entre elas. Estas crianças não deveriam com efeito escutar nem o som da voz humana, nem palavras, nem canções. Elas não podiam tão pouco acarinhá-las. Elas eram não obstante lavadas, trocadas de fraldas e vestidas dentro de perfeitas condições corporais. A sua pergunta o imperador experimentalista não obteve nenhuma resposta. Não somente nenhuma criança falou, mas todas morreram antes da idade de oito anos⁽¹⁸⁾.

Isto não é um fato divertido macabro que deve ser relegado aos esquecimentos menores da história. Pesquisas mais recentes colocaram em evidência as regressões de cunho lingüístico e biológico de que sofriam as crianças: quando por diversas causas, morte ou abandono dos pais, hospitalização prolongada para tratamento somático, elas ficavam mais ou menos privadas do "banho" de linguagem que acompanha nos seres falantes ("parlêtres") a satisfação pelo outro das necessidades às vezes chamadas "veterinárias". Isto para indicar que estas necessidades constituem nossa característica em comum com os animais. As pesquisas de Spitz, David e Appel⁽¹⁹⁾ e as de Rimbault são bem demonstrativas da importância deste "banho" de linguagem.

O significante, a "lalange" maternal, parece ser tanto uma proteção em torno do corpo real contra sua degradação, até que a morte venha em seguida, quanto fonte de sintomas, perturbadores, dolorosos ou mortíferos.

Por outro lado, ao preço da morte destas 40 crianças, nós sabemos também que não há língua primeira, não há língua mais natural que outra, mas ao contrário, que o sujeito se nutre de palavras assim como de leite e de pão, e

(16) Em sua intervenção no Congresso de Roma (nov. 1974) J. Lacan distingue um gozo fálico que ele situa no lugar do recobrimento do Real e do Simbólico (Cfr. J e JÁ na fig. 1).

(17) Notemos de passagem que em um segundo tempo de seu ensinamento, J. Lacan pensou em um nó um pouco diferente :aquele que se efetua graças a uma 4ª dimensão: aquele do sintoma. Nesta perspectiva. Real, Imaginário e Simbólico se superpõem sem se ligar: eles tem em comum um 4º círculo de linha que representa o sintoma. Cfr. M. Darmon, **Etudes sur les référents topologiques de J. Lacan**, a ser editado por J. Clims, Paris, 1988.

(18) Relatado por Mui ler em "**Lectures on Sciences of Language**" e citado por G. Guem no prefácio do livro de G. Rimbault, **Clinique du Réel**, Paris, Seuil, 1984, pp. 9-10.

(19) Cfr. o artigo de R. Spitz sobre a hospitalização no **Psychoanalytic Study of the Child**, n° 1, 1945, o de G. Appel sobre os efeitos das carências afetivas nas encubadeiras na **La Psychiatrie de l'enfant**, vol. IV, fase 2, 1962. Cfr. também a Revisão da Literatura de M. Soule ibidem. Vol. 1, fase. 2, 1958.

que ele habita uma língua, aquela que lhe foi transmitida por seus Outros parentais.

O corpo não obstante, interrogam alguns, não disporia de uma palavra mais natural, de uma linguagem mais verdadeira, de uma modalidade de comunicação mais autêntica?

Esta é uma tese que defendem com o coração e aos gritos, certos terapeutas. Não somente com o coração e aos gritos, mas também com a força de exposições e escritos que, paradoxalmente, utilizam esta língua que só seria, seguindo este raciocínio um epifenômeno secundário e mentiroso: a língua do verbo, esta língua graças à qual nós podemos nomear as coisas.

No que diz respeito a esta afirmação do caráter ambíguo, mentiroso, enigmático, errado, enganoso, em suma, sempre insatisfatório da linguagem verbal, os psicanalistas estão totalmente de acordo com estes novos terapeutas. Além do mais, isto não é aquilo que se diz que o psicanalista escuta, mas as falhas da fala, seus titubeios, estas palavras que dizemos quando queríamos dizer outras, estas palavras que nos esquecemos também, os silêncios enfim, que são sempre pesados de palavras a dizer.

A linguagem portanto é duvidosa e o primeiro enganado é aquele que fala. Isto porque ele diz sempre mais do que aquilo que ele queria dizer. As palavras sempre traem, quem não fez ainda esta experiência? É por isso que pode ser fonte de tanta angústia.

Quanto a este caráter totalmente insatisfatório da linguagem verbal, os psicanalistas estão portanto prestes a "se entenderem" com os novos terapeutas.

No entanto, eles não podem segui-los quando estes afirmam que a linguagem do corpo seria mais verdadeira e menos duvidosa do que aquela do verbo. São afirmações que deveriam além disso chocar qualquer pessoa que pode constatar quão diferentemente foi interpretado pelas pessoas diferentes de seu meio alguns de seus gestos ou de suas mímicas. Esta afirmação da primazia da linguagem corporal deveria surpreender também qualquer um que tenha tentado compreender a trama de um filme sobre a tela de televisão tornada muda. A linguagem do corpo é, como a linguagem verbal, toda cheia de enigmas. Cada um de nós já teve numerosas ocasiões de fazer esta constatação.

Além disso, mais freqüentemente os novos terapeutas não se apóiam somente sobre os gestos e as mímicas de seus pacientes para interpretar esta linguagem: seus escritos fornecem mil provas disto. Eu convido o leitor a lê-los sobre este ângulo⁽²⁰⁾

A importância do significante verbal no seio mesmo destas experiências de terapia de inspiração reichiana, passa às vezes inapercebida para um observador não advertido. Roger Gentis, bio-energeticista e psicanalista, a sublinha através do seguinte exemplo. Trata-se de uma experiência vivida por ele mesmo durante um estágio de formação.

Ele respirava depois de um certo tempo sem se dar conta, de um modo curto e precipitado, quando sua terapeuta lhe dizia qualquer coisa como: "**Sinta bem como você respira**". Ele toma então consciência desta respiração e se diz: Opa, o que quer dizer esta respiração precipitada (halètement)? Naquele instan-

(20) Cfr. par ex., a transcrição de minha discussão com J. Berliner em Cl. títloch, "**Les psychothérapies aujourd'hui**", Éd. Univ. de Bruxelles, 1983, pp. 170-174.

te, descreve ele, eu recebi na boca uma golfada de leite morno que se propagou até o estômago, sensação se substituindo à percepção muito pregnantemente da coluna de ar que mobilizava minha respiração precipitante... (haletante). O que ele compreendeu a posterior acerca desta sensação interna, (o autor diz: "a alucinação",) é que ela foi desencadeada pela enunciação mental da palavra **halètement**. Jogando sobre a palavra, o corpo havia transformado sem dificuldade através da homonímia, **halètement — allaitement**, a coluna de ar que enchendo o pulmão numa golfada de leite inundando de prazer, o esôfago e o estômago⁽²¹⁾.

São assim os efeitos desta "lalangue" do inconsciente, ou se preferir, desta língua do corpo simbólico.

Caso seja retomada a linguagem do corpo, esta expressão mereceria uma séria análise. Ela pode designar efetivamente uma multiplicidade de fenômenos que só têm em comum algumas poucas coisas, onde somente o corpo é o lugar destes fenômenos, como o papel pode ser suporte de inscrições dos registros tão diversos: Filigranas, auto-relevo, óleo, ideogramas, figuras, letras do alfabeto e ainda palavras de línguas diversas.

Sabe-se as modalidades diversas da "linguagem do corpo".

- O punho que se estica prometendo ao próximo um péssimo momento a seguir e aquele outro que se eleva para dizer a confiança na vitória.

- A paralisia da perna da histérica que expressa assim sua recusa de ficar de pé sozinha. Aquela do braço da criança que teme matar sua irmã do qual ele é amoroso e ciumento ao mesmo tempo.

- O quisto que lembra uma dolorosa ruptura e a lesão, e a úlcera, que evocam uma perda insuportável.

- A hipertensão que visa colocar em xeque a medicina e a instabilidade motora que tenta evitar as flechas fantasmáticas.

- As dores vaginais que tornam impossível a penetração e a recusa angustiada do bebê que só pode abrir a boca à mamadeira.

A propósito de todos estes fenômenos, pode-se verdadeiramente falar de linguagem e será que podemos fazê-lo se trazer mais algumas outras importantes observações?

Comunicação gestual de um pensamento, apelo mudo à atenção do outro, ato secreto procurando manipular o parceiro, paralisia de proteção, fechamento do corpo contra a intrusão vivida como destrutora... Tantas "falas" que dizem respeito a línguas as mais diferentes.

Esta variedade de fenômenos deve nos convidar a uma grande prudência na leitura desta linguagem, e na decifração destas letras inscritas sobre o corpo.

Aquele que crê deter, como um adivinho, o código destas linguagens, só projeta freqüentemente sobre o outro seu próprio imaginário ou ainda seu próprio código inconsciente. Tanto quanto a análise "selvagem" que crê deter a chave dos sonhos, dos lapsos ou dos atos falhos de seus analisantes.

Tendo feito experiência na vida cotidiana, cada um sabe onde leva esta crença que supõe que o outro, o parceiro, pensa como nós e que, para ele, os gestos e as palavras têm a mesma significação que para nós. Depois de um período de euforia, é Babel quem se constrói: a incompreensão radical, a agressividade e a separação. É esta a mais freqüente consequência do não reconheci-

(21) R. Gentis, **Leçons du corps**, Flammarion, 1980.

mento da diferença e particularmente, do não reconhecimento da especificidade dos universos lingüísticos-verbais e "corporais" de cada um.

Nas psicoterapias e nas curas analíticas, este desconhecimento pode levar simplesmente à ruptura, como foi o caso de Dora deixando Freud que havia erroneamente interpretado seus dizeres, seu sonho e sua transferência. Freud tem o grande mérito de nos ter permitido o acesso a parte de seus erros⁽²²⁾. Isto pode também levar à catástrofe porque nem todo paciente tem a força de Dora e não pode com tanta facilidade deixar sua terapia ou seu analista que lhe impõe, à força de interpretação, seu próprio fantasma, seu próprio desejo.

Se o corpo é linguagem, é porque de início ele está marcado pelo significante. Neste estudo procurou-se fazer entender que não se trata tanto de palavras e de mensagens, de significantes e letras, que não se trataria tanto de uma linguagem compartilhada por todos, mas de uma "lalange" singular que necessita de uma abordagem paciente principalmente linguagem se quisermos apreender a verdade e se desejamos obter, além disso a cura.

Sem esta escuta paciente, quem teria podido adivinhar que a desorganização psicomotora de Gilles encontraria sua origem na partida do seu tio para a Inglaterra?

Da mesma maneira, sem esta escuta atenta e paciente da família, em especial a da mãe qual pitonisa teria podido ter elevado o véu sobre este não-dito familiar que ressurgia na agitação agressiva e no significante "assassino" lançado como injúria por um filho.dito psicótico, à sua mãe?

Corpo simbólico, corpo imaginário e corpo real, são estreitamente intrinsecos. Um não pode subsistir, se o outro chega a faltar.

Sem linguagem, não há vida, sem corpo nada de linguagem e de gozo, tal é a condição do ser falante ("parlêtre").

É por isso que o nó boromeano constitui uma adequada figuração desta estreita intrinsecção.

Texto recebido em 15/03/88.

(22) Nós sabemos assim como foi determinante neste erro de interpretação e nesta ruptura, o a priori "teórico" de Freud, que negligenciava a bissexualidade de todo ser humano, pensando que o amor de uma mulher só poderia ter um homem como objeto. Cf r. S. Freud, "**Fragmento de uma análise de histeria**" em "Cinq Psychanalyses" PUF, 1967, pp. 88-90; ESB, VII; e J. Lacan, **Seminaire I**, pp. 208-209.